

Análise Crítica das Representações da Masculinidade no Brega Funk Pernambucano

Critical Analysis of Representations of Masculinity in Brega Funk Pernambuco

Alberto César Simplicio

Graduação em Letras, Universidade de Pernambuco

Docente, Faculdade de Formação de Professores, Garanhuns, PE, Brasil

 albertalberto.cesar@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-0286-4983>

Silvio Nunes da Silva Júnior



Doutorado em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas

Docente, Secretaria de Estado da Educação, Maribondo, AL, Brasil

 silvio.nunesj@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1753-399X>

 <https://doi.org/10.29327/2206789.19.32-3>

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações da masculinidade expressas em músicas de brega funk do MC Cego Abusado, do Recife, a partir de duas categorias: a masculinidade da egolatria e a masculinidade da objetificação. Toma-se como base a teoria da Análise Crítica do Discurso, bem como estudos que têm abordado a questão da masculinidade, para analisar as músicas: Cabelinho na Régua – MC Cego Abusado *feat.* MC Meno K, e Cafajeste – MC Cego Abusado *feat.* Kevin o Chris. A partir da análise crítica dos discursos nas letras das músicas, evidenciou-se a presença de ideologias sociais que ressaltam o ego masculino e o tratamento objetificador do corpo feminino. Levando em conta a dinamização dessas músicas no Brasil e, em especial, em Pernambuco, fica nítido que os consumidores, em grande parte das vezes, não consideram os conteúdos ideológicos que as canções carregam, acarretando a difusão em massa dessas e de outras músicas.

Palavras-chave: masculinidade; brega funk; análise crítica do discurso

Abstract

The present work aims to analyze the representations of masculinity expressed in the brega funk songs of MC Cego Abusado, from Recife, from two categories: the masculinity of egotry and the masculinity of objectification. It is based on the theory of Critical Discourse Analysis, as well as studies that have addressed the issue of masculinity, to analyze the songs: Cabelinho na Régua – MC Cego Abusado feat. MC Meno K, e Cafajeste – MC Cego Abusado feat. Kevin or Chris. From the critical analysis of the speeches in the lyrics, the presence of social ideologies that emphasize the male ego and the objectifying treatment of the female body was evidenced. Taking into account the dynamism of these songs in Brazil and, in particular, in Pernambuco, it is clear that consumers, in most cases, do not consider the ideological content that the songs carry, leading to the mass diffusion of these and other songs.

Keywords: masculinity; cheesyfunk; critical discourse analysis

Recebido em 22/06/2022

Aceito em 31/12/2022

Publicado em 31/03/2023

Considerações Iniciais

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um campo da linguística atual que funciona como espaço para diversas interpretações sobre as maneiras de ver o social. Segundo Fairclough e Melo (2012), a ACD vê a vida social como uma rede interconectada de práticas sociais de diversos tipos. Mesmo que os sujeitos sociais estejam em um mesmo ambiente, suas conclusões estarão sempre em perspectivas diferentes, abrindo, assim, variados entendimentos sobre múltiplos temas. Diante da sua visão, o sujeito propaga um discurso de acordo com o seu pensamento crítico e, conseqüentemente, ideológico. Assim, a ACD vem tomando rumos grandiosos em relação às diferentes pesquisas nela inseridas.

Um dos temas que têm chamado atenção em situações diversas é a masculinidade e como ela vem sendo representada nos discursos. Entende-se que a ACD pode atuar como um elemento potencializador da crítica social e, por isso, como um veículo para a observação das representações da masculinidade. Como forma de problematizar os discursos, a ACD propõe analisar como muitas vezes os discursos são propagados e naturalizados por uma grande parte da sociedade. Um grande exemplo disso é o que ocorre com as músicas de brega funk, que constrói tanto representações de masculinidade como de outros processos, como as variadas manifestações de preconceito.

O brega funk, tão comum e conhecido nacionalmente, tem como uma de suas características o emprego do homem como “garanhão”, alavancando seu ego, sua reputação e, ainda, colocando a figura feminina em lugares constrangedores. Por muitas vezes, toda a sociedade está apenas se detendo no ritmo dançante que o brega funk também carrega. É essa problemática que dá norte a esta pesquisa. Diante o exposto, o presente trabalho busca analisar as representações de masculinidade expressas em músicas de brega funk do MC Cego Abusado, do Recife, a partir de duas categorias: a masculinidade da egolatria e a masculinidade da objetificação. Os objetivos específicos são: investigar como a mídia leva o brega funk para o meio social; e analisar nas letras de brega funk do MC Cego Abusado como a figura masculina é representada a partir de contradições, sentidos machistas e elevação do ser masculino.

Dessa maneira, a pesquisa é relevante socialmente para a ampliação de olhares sobre as relações sociais e humanas. Com isso, para ir de acordo com os objetivos propostos, o trabalho se estrutura nos seguintes tópicos, além da consideração iniciais e finais: o brega funk pernambucano e a masculinidade; pressupostos metodológicos; e representações da masculinidade no brega funk pernambucano.

O Brega Funk Pernambucano e a Masculinidade

O brega funk é um dos ritmos musicais que está em uma constante crescente. Ele se faz de uma mesclagem entre dois ritmos que são comuns nas periferias: o brega e o funk. Mesmo emergindo de regiões marginalizadas da sociedade, são ritmos que fazem sucesso e conseguem se destacar na mídia digital. De acordo com Lima *et al* (2014), o brega funk merece destaque, pois, além de fazer uso de alguns meios de comunicação utilizados pela grande mídia, consegue também divulgar seus eventos através de ferramentas incomuns para o universo midiático formal, como é o caso das bicicletas de som e dos cartazes (lambe-lambe) que se constituíram como meios indispensáveis para a divulgação dos eventos desse segmento cultural. Todo o sucesso dos MCs e dos trabalhos feitos por eles se dá através das divulgações, principalmente em sua comunidade, de maneira que chamam a atenção de toda a sociedade, corroborando para o sucesso dos artistas que contribuem para a expansão do gênero brega funk.

Por mais que seja uma vertente criada e disseminada por pessoas com um poder aquisitivo baixo, o brega funk chega a emplacar grandes sucessos nacionais, como, por

exemplo, o MC Cego Abusado. O cantor, que teve sua infância dentro da periferia, conseguindo seu sustento através da venda de milhos na feira, conseguiu ter êxito no ramo musical. Juntamente com o MC Metal, sua música intitulada “Posição da rã” emplacou em toda mídia e, a partir daí, contribuiu para mudar a história do brega pernambucano.

Em suas letras, os MCs trazem a eroticidade, a ostentação e o não compromisso com relações amorosas, além de que a figura masculina sempre se sobressai à figura feminina. A esse respeito Amorim (2018) considera que o perfil masculino que predomina é aquele viril, forte e másculo, que vai para festa com a finalidade de “pegar”¹ o máximo possível de mulheres sem nenhum envolvimento posterior. Tal perfil de homem é adjetivado como “pegador”.

A masculinidade no mundo atual é evidenciada por uma imposição. Para a maioria das pessoas, um homem/menino precisa brincar de carrinho, gostar de futebol, falar grosso etc. Caso isso não seja visto na pessoa, já é iniciado um preconceito exarcebado contra ela. Na maioria das produções do brega funk, o sujeito masculino sempre está cheio de regalias, acompanhado de mulheres bonitas e muita ostentação (bens aquisitivos, como carros, correntes de ouro, dinheiro etc.). Fica claro, numa observação em alguns estilos musicais, que a relação amorosa é abordada de acordo com a vivência em sociedade no meio em que cada artista foi criado.

Para este estudo, escolheu-se produções musicais do Mc. Cego Abusado por ter ele seu papel fundamental na elevação do brega funk ao cenário nacional. Além de ser cantor e compositor, ele se destaca também por ser empresário: dono da “Tudo Nosso Produtora”, consegue dar oportunidade para aqueles que sonham em ser cantores mas não têm recursos suficientes para conseguir chegar ao objetivo. Diferente da situação em que viveu (humilhação, sem condições para gravar), ele mostra que a periferia pode ter seu espaço no mundo.

A seguir, traz-se considerações teóricas acerca do brega funk pernambucano e dos conceitos de masculinidade que orientam o trabalho.

¹ O verbo pegar entra numa relação sinonímia com “se relacionar sexualmente com alguém, sem qualquer compromisso”.

O Ritmo Musical Brega Funk e sua Disseminação na Mídia

O brega funk nasce a partir da ligação entre o funk do Rio de Janeiro e o brega do Recife (que, no início, não era nada parecido com o de hoje em dia) e suas letras estão sempre voltadas à ostentação, ao ego masculino, e transparece vidas que, na realidade, não são daquela maneira. Diante disso, o gênero brega funk foi se popularizando nacionalmente por ter um ritmo dançante e por invadir variados âmbitos sociais. Sobre essa popularização, Amorim (2018, p. 6) pondera que ela

se dá a partir da indústria cultural, quando os bens culturais começaram a ser produzidos em grande escala para atender a todas camadas populacionais; é interessante ver que com isso muitos consumidores passaram também a produzir seu próprio conteúdo.

Enquanto o brega dos anos de 1970 estava voltado para pessoas mais velhas, que frequentavam bailes, com músicas mais calmas e danças em pares, hoje em dia não é da mesma maneira. Com a junção entre o brega pernambucano e o funk carioca, criou-se um viés de dança comumente individual que, quando em dupla, simula relações sexuais, sempre como consequência de um homem possuir bens materiais e as mulheres se sentirem atraídas por isso. Uma das modalidades do funk, chamada “Funk Proibidão”, foi a que mais fez sucesso na sua chegada à Pernambuco. Por se tratar de músicas com um teor erótico, é sempre chamada atenção para a figura masculina; mulheres com roupas curtas eram e ainda são o centro da atenção e do desejo masculino (Amorim, 2018).

Ao passar do tempo, o brega funk foi ganhando forças, tendo seu maior impacto com a artista MC Loma e as Gêmeas Lacreção, com a música “Envolvimento”, no ano de 2018. Elas compuseram a música e fizeram um videoclipe amador, sem nenhuma estrutura profissional. Com a gravação pelo próprio celular, o vídeo soma mais de 50 milhões de visualizações na plataforma do YouTube. Logo após isso, grandes produtoras começaram a se interessar cada vez mais pelo ritmo e, em consonância a isso, a ostentação. Após a expansão do brega funk, grandes artistas como Tati Zaqui, Xand Avião, Anitta, Léo Santana, entre outros, começaram a integrar produções musicais nesse gênero.

O Conceito de Masculinidade e seus Desdobramentos

A masculinidade, atualmente, é um tabu a ser quebrado a cada dia que se passa. Desde muito cedo, os homens aprendem que devem ser duros, viris, fortes e agirem realmente dessa maneira. Caso não sejam assim, estão fugindo da “regra” e começam a ser vistos como “menos homem”, o que engloba um extenso preconceito em relação à homossexualidade. Os homens, numa tradição social que vem de muito tempo, não podem ter seus sentimentos expressos, pois a “masculinidade frágil” não pode se sobressair. Conforme Nader et al. (2014), a masculinidade não é apenas a formulação cultural de um dado natural. Ela é um processo de construção social contínuo, frágil e disputado. A manutenção desse processo é permanentemente vigiada e, sobretudo, auto-vigiada.

A sociedade exerce uma interferência grandiosa sobre as maneiras com as quais o sujeito masculino deve se comportar. A partir do momento em que o meio social começa a discutir sobre a masculinidade, busca-se acabar com um padrão fixo e pré-estabelecido. A limitação imposta ao homem de se portar como um “macho” acaba levantando uma bandeira não positiva: o machismo, o qual, para Drumont (1980), é um sistema de representações simbólicas que mistifica as relações de exploração, de dominação e de sujeição entre o homem e a mulher. Ou seja, a elevação do sujeito masculino por comportamentos inadequados é conceituada como machismo.

Essas reflexões se voltam, ainda, ao conceito de masculinidade hegemônica, na qual o homem está expressamente em dominação para com a mulher. Conforme destacam Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica é entendida com um padrão de práticas que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. Na cena de brega funk não é diferente: a mulher é caracterizada como objeto de prazer ou um verdadeiro troféu. Todo esse ato de dominação, muitas vezes, fica implícito nas músicas.

Na maioria das letras de brega funk, a masculinidade é evidenciada quando o homem tem total elevação, como citado anteriormente. É concebido um homem que vive de ostentação, festas, que vai em busca das novinhas (mulheres jovens, dentro de um padrão corporal que pode satisfazer os desejos dos homens). Nessa perspectiva, Amorim (2018, p. 5) discute que

(...) o homem presente na cena de brega funk é um reflexo do social heteronormativo que reproduz em muitos momentos padrões machistas, normativos e preconceituosos; isso é percebido no momento em que ele é considerado o principal ator daquele ambiente.

Com isso, percebe-se que o homem é o principal protagonista das letras de músicas de brega funk. Tudo o que é colocado sobre a vida de regalias não passa de um desejo seu por aquela vida de prazeres, visto que, na maioria das vezes, as pessoas que entram para a vida da música popular pernambucana saem das periferias. A partir dessas considerações e de um olhar geral para as músicas de brega funk, observou-se duas categorias no que se refere às representações de masculinidade, tais como: a masculinidade da egolatria e a masculinidade da objetificação.

Reflexão Sobre a Masculinidade da Egolatria

A masculinidade, como dito anteriormente, é algo muito discutido na atualidade, pelas diversas formas de compreensão existentes sobre o tema. A desigualdade de gênero é uma questão combatida na sociedade contemporânea, visando a reconstrução concreta do homem. A esse respeito Silva (2012, p. 5) pontua que

A compreensão das relações de gênero implica que sejam entendidas como uma construção social baseada na diferenciação biológica dos sexos, expressa através de relações de poder e subordinação, representada pela discriminação de funções, atividades, normas e condutas esperadas para homens e mulheres em cada sociedade.

Nesse sentido, ainda é explícito o quanto a figura feminina se sente discriminada em relação ao homem. As mulheres ficam às margens da sociedade em relação a como são vistas e tratadas pelos homens. Além disso, o modo como comumente o homem enxerga os acontecimentos sociais e o seu lugar perante às mulheres é bastante diferente de como estas vêem o mundo e conseguem lidar com algum fracasso vivido. A frase “*não age como uma mulherzinha*” diz muito sobre como as mulheres têm sido caracterizadas pela sociedade; enquanto o homem, que mesmo passando por algum problema, não pode dizer a verdade, uma vez que a tradição é esconder o sentimento para não se mostrar frágil.

A utilização de filtros e a maneira de contar vantagem tomam de conta do cenário

negativo que foi passado em diversas situações. A dificuldade de encarar e lidar com suas próprias fraquezas é a causa para agir seguindo essa tradição. O seu próprio ego torna-se frágil a partir do momento em que o homem não consegue aceitar seu insucesso e, a partir disso, as mulheres precisam diminuir-se para não machucá-los. Amâncio (1993) afirma que no pensamento social a dominância simbólica do masculino coloca em diálogo duas visões: a do “ser homem” e a do “ser indivíduo”. O amor exacerbado pelo “eu” faz com que o sujeito masculino desenvolva uma grandiosa fragilidade quando fere o seu ego, dando espaço à vaidade.

A mudança dessa perspectiva sobre masculinidade faz-se necessária nos âmbitos mais decisivos para a formação do sujeito social, que são: o ambiente escolar e o familiar. Por muitas vezes, a criança tem um contato não favorável com a diferenciação entre as responsabilidades que os pais exercem dentro da própria unidade familiar, fazendo com que ela cresça na ideia de que o homem precisa de uma figura feminina para realizar as tarefas domésticas, iniciando, dessa maneira, o patriarcado – ideologia que coloca a mulher na posição de cuidado com o lar, os filhos e o marido. Da mesma maneira, na escola, como explicam Soares, França e Santos (2011, p. 5),

A nossa cultura tem sido marcada por profundas diferenças no tratamento de gênero, estabelecendo uma hierarquia que favorece deliberadamente o masculino. Essas diferenças foram construídas socialmente por mulheres e homens no decorrer da história. Cada sociedade estabelece as regras e normas de convivência social, definindo os papéis de referência para cada um dos sexos. Assim a construção do feminino e do masculino cria estereótipos do que é ser mulher e ser homem. Ao mundo feminino estão reservados os afazeres domésticos e os cuidados com a família – a valorização do espaço privado; enquanto que ser provedor e protetor são qualidades associadas ao mundo masculino, extensivo ao espaço público.

Desde então, o homem é excluído da ajuda mútua com mulher e quando toma atitude de fazer partes desses afazeres, serve de chacota para os demais, ferindo exclusivamente a sua personalidade. Assim, a criança nasce visualizando todas essas situações, fazendo uma pré-observação sobre o que é “ser homem” e ser mulher. Dessa maneira, entende-se que mesmo diante da evolução contemporânea a masculinidade da elevação do ego (egolatria) sempre se fez presente na sociedade. Uma outra maneira de conceber a masculinidade é articulando-a à objetificação, como trata-se a seguir.

Reflexão Sobre a Masculinidade da Objetificação

Levando em consideração o que já foi apresentado, trata-se, neste espaço, da objetificação na qual o corpo feminino está fortemente atrelado em algumas situações, criando um conceito aqui denominado masculinidade da objetificação. A elevação do homem, por muitas vezes, chega a ser tão grandiosa que acaba banalizando o papel da mulher. Nessa perspectiva, Paula e Rocha (2019, p. 86) salientam que

(...) é possível notar que o homem sempre recebeu estímulos para conter as suas emoções e, por vezes, expressar emoções negativas, e poucos foram os momentos em que as emoções positivas fizeram parte de sua educação sobre como ser homem. Os traços construídos de competitividade, agressividade e liderança certamente fazem com que ele experimente satisfação e alegria quando alcança uma vitória a qual almejava ou quando sua masculinidade é reafirmada. No entanto, acredita-se que em boa parte desses momentos a alegria e a satisfação vivenciadas por ele se deu à custa do sofrimento de alguém.

Sob esse olhar, percebe-se que o pensamento somente em si acaba tendo consequências negativas e, frequentemente, a figura feminina acaba sofrendo com isso. A humilhação e o menosprezo fazem parte dessa situação. A desvalorização da identidade feminina fica cada vez mais frágil, o que é bastante recorrente na sociedade contemporânea, como, por exemplo, na visão de mulher (para o homem) sempre como um objeto de satisfação. Isso se articula ao pensamento de Dellazzana (2018, p. 6), para a qual “objetificar a mulher é cultural”. A desigualdade entre os gêneros sempre foi realidade, em maior ou menor grau, em todos os aspectos políticos, sociais e econômicos que emergem da sociedade brasileira.

Com essa afirmativa, é importante ser observado como a cultura patriarcal em meio a sociedade exerce total influência sobre a mídia e os veículos propagadores de informações. Como um exemplo disso, é muito frequente nas televisões, as propagandas de bebidas alcoólicas sempre apresentam mulheres bonitas, sexualizando o corpo destas como forma de chamar atenção para o produto que está sendo oferecido. A figura masculina é, automaticamente, chamada para o consumo do produto, uma vez que a bebida boa é colocada em diálogo com o que seria uma “mulher boa”.

Nessa linha de pensamento, Costa (2018, s/p) salienta que

A Hipersexualização do corpo feminino está tão enraizada na sociedade que, conseqüentemente, não construímos o hábito de refletir e/ou questionar atitudes em que o corpo da mulher é estampado nas propagandas publicitárias utilizadas para promover produtos, perfumes, bebidas, carros, times de futebol, escolas de samba, concursos de beleza e etc. (...) a banalização da sexualidade e a Hipersexualização do corpo feminino nos meios de comunicação, videocliques e publicidade caminham junto com a tentativa de reforçar modelos de feminilidade que separam as mulheres entre as “recatadas” e as “vadias” – todas disponíveis para os homens, independente do grupo a que possam pertencer.

Dessa forma, já está atrelada a toda a sociedade que o sujeito masculino é detentor dessas mulheres e está sempre acima do sujeito feminino. Logo, o homem tem uma visão que apaga o sentimento das mulheres, considerando que, tradicionalmente, o homem é um sujeito sem sentimentos, pelo menos aparentemente. É o famoso *pegar e não se apegar*. Diante dessa ótica, define-se como a masculinidade da objetificação tudo o que está relacionado ao uso da mulher para a própria satisfação, ainda muito presente na contemporaneidade.

Apresentam-se, a seguir, os pressupostos metodológicos deste estudo.

Pressupostos Teórico-Metodológicos da Análise Crítica do Discurso

A pesquisa aqui desenvolvida é guiada pela Análise Crítica do Discurso (ACD), uma vertente que tem como uma das maiores preocupações a problematização do meio social por meio dos discursos. Segundo Batista Jr, Sato e Melo (2018), a ACD participa da construção do mundo, estabilizando distorções sociais. Com base nisso, o tema abordado nesta pesquisa volta-se à uma camada social menos favorecida, que deu corpo aos primeiros indícios do gênero musical brega funk. Sobre isso, Lima *et al* (2014) destaca que tal gênero, que se faz tão presente na realidade pernambucana, atua como um poderoso meio de disseminação de discursos.

A visibilidade de classes menos favorecidas se evidencia dando espaço a uma cultura nova. Pessoas que sonhavam em estarem nas paradas de sucesso vêm a concretização desses sonhos por meio do brega funk. A musicalidade também é um importante fator para que o sucesso seja alto. Seu ritmo dançante faz com que o sucesso cresça cada vez mais, principalmente entre os jovens. Além disso, a juventude busca, hoje, através dessa nova musicalidade, uma mudança de vida. Mesmo considerando as contribuições que o brega funk tem para o desenvolvimento das camadas periféricas, em especial no estado de Pernambuco, este trabalho observa as representações da

masculinidade em músicas desse gênero, como um modo de problematizar os imbricamentos dos comportamentos sociais nas letras de músicas. A ACD se torna um veículo favorável para este fim.

Para Fairclough e Melo (2012, p. 312), “A ACD é uma forma de ciência social crítica, projetada para mostrar problemas enfrentados pelas pessoas em razão das formas particulares de vida social, fornecendo recursos para que se chegue a uma solução”. Diante disso, a ACD busca analisar diferentes relações em variados contextos sociais que por muitas vezes não têm a devida visibilidade, ficando, assim, “circunstâncias escondidas” de discussões que seriam importantes para a busca de uma maior igualdade social. De acordo com Magalhães (2001), a ACD parte de três dimensões: o texto, a interação/prática discursiva e a ação social/prática social.

Nesta seção metodológica, trata-se das noções fundamentais de ACD, bem como apresenta-se o *corpus* da pesquisa.

A Análise Crítica do Discurso: Conceitos Fundamentais

Em meio aos esclarecimentos trazidos ao longo deste trabalho, vê-se a necessidade de compreender alguns dos conceitos que têm orientado as pesquisas em ACD. De acordo com Melo (2011), a ACD configura-se como uma abordagem teórico-metodológica que objetiva investigar a maneira como as formas linguísticas funcionam na reprodução, manutenção e transformação social. Em outras palavras, a partir da ACD é possível observar, em meio a sociedade, como é utilizada a linguagem para a crítica e a construção social, uma vez que é a partir da linguagem que percebemos o quanto o mundo é repleto de fenômenos. Fairclough e Melo (2012, p. 312) destacam que

A ACD é uma forma de ciência social crítica, projetada para mostrar problemas enfrentados pelas pessoas em razão das formas particulares de vida social, fornecendo recursos para que se chegue a uma solução. É claro que isso leva a uma pergunta: um problema para quem? Na condição de ciência social crítica, a ACD tem objetivos emancipatórios e focaliza os chamados “perdedores” dentro de certas formas de vida social – os pobres, os excluídos socialmente, aqueles que estão sujeitos a relações opressivas de raça e sexo, e assim por diante.

Percebe-se, assim, que a ACD busca compreender o sujeito e seus discursos em cada realidade e com diferentes ideologias, nas quais cada um pode construir sua própria visão diante da problemática exposta. Os estudos de Fairclough contribuíram muito para o desenvolvimento dessa corrente teórico-metodológica, pois, como salienta Magalhães

(2001), a ACD focaliza a dimensão da prática social a partir da visão da linguagem investida de poder e ideologias, capaz de construir as dimensões sociais do conhecimento.

O discurso tem o poder de diferenciar as classes que estão destacadas, como, por exemplo, a relação de como o homem é colocado nas letras de músicas de brega funk e como seu ego e o tratamento das mulheres como objetos é desenvolvido. Através disso, é perceptível como o grupo menor sofre com quem está com o poder nas mãos. Sobre isso, Melo (2011, p. 1338) entende que:

Os analistas críticos do discurso estão centrados na análise da reprodução do sexismo e do racismo, da legitimação do poder, da manipulação do consentimento e do papel da política e da mídia na produção discursiva da relação de dominação entre grupos. Essas preocupações e um conjunto de outros objetivos explicitamente políticos servem para distinguir a ACD dos outros tipos de análise de discurso.

O que torna os estudos da ACD únicos é o modo como essa corrente teórico-metodológica observa a voz da sociedade e como a dominância de determinados grupos sociais influencia em diversas tomadas de decisões. Ainda, trazendo para a realidade que está sendo apresentada, a dominação expressa do homem para a mulher ainda é grandiosa, e, com isso, a mulher acaba silenciando e não percebendo todo o mal que está lhe sendo causado. Nesse contexto, Melo (2011) complementa que dominação é entendida como o exercício do poder social por elites, instituições ou grupos, que resultam em desigualdade social, em que estão incluídas desigualdade política, cultural e discriminação por classe, etnia, gênero e orientação sexual.

A masculinidade exacerbada, muitas vezes, está sendo expressa pelos diversos discursos machistas que estão sendo normalizados na sociedade. Toda a soberania com que a figura masculina foi criada está visivelmente exteriorizada em muitas situações que estão sendo vistas atualmente: objetificação da mulher, violência física e psicológica, superioridade etc. Para Nogueira (2008), o poder para agir de determinada maneira, reclamar recursos, controlar ou ser controlado depende dos “saberes” prevaletentes na sociedade. Com isso, a integridade e o conhecimento, em diversas vezes, são essenciais para que a argumentação e o saber possam prevalecer.

Em continuação aos conceitos sobre a ACD, Melo (2011, p. 1340) ressalta que:

é conceituado, na ACD, como o conjunto de assimetrias entre participantes nos acontecimentos discursivos, a partir da eventual capacidade destes para controlar a produção dos textos, a sua distribuição e o seu consumo em contextos socioculturais particulares. Apesar de hoje existirem diversas formas de violência explícita, o poder

tem tendido a não ser imposto por coerção, ou seja, pela força, mas, ao contrário, funciona, em nossa sociedade, como um exercício tácito de hegemonia produzido discursivamente e que conduz as pessoas a cooperar consensualmente com determinadas ideologias.

Através da ACD, o debate ideológico está sendo cada vez mais presente na sociedade, pois busca-se fazer uma construção com diferentes pontos de vista. As ideologias que cada sujeito destaca são de grande valia para o todo. É, também, através do discurso que os pensamentos se manifestam, dando espaço para análises críticas e problematizadoras.

O Corpus da Pesquisa

As músicas do MC Cego Abusado que são analisadas neste estudo são as duas faixas mais escutadas da plataforma digital de músicas *Spotify*, tais como: “Cabelinho na régua”, de MC Cego Abusado *feat.* MC Meno K; e “Cafajeste”, de MC Cego Abusado *feat.* Kevin o Chris. Na análise das músicas, observa-se como o ser masculino é colocado nas letras, suas contradições e sua elevação em relação ao feminino.

Todo o processo de análise das músicas está de acordo com a teoria da ACD. A seguir, apresentam-se as letras das músicas coletadas para a análise:

Cabelinho na régua – MC Cego Abusado *feat.* MC Meno K

Hoje é dia de baile, tô naquele pique
Cabelinho na régua, camisa de time
Então brota no barraco, que hoje tu vai sentar firme
Brotá, brotá que hoje tem

Oi, é que aqui nós fuma um, putaria rola firme
Novinha, bate o bumbum, vê quem vai dormir comigo
Que aqui é disso que eu gosto, e é disso que eu me encanto
E o famoso degusta forte, bebida é cavalo branco

E lá no final do ano, é revoada com as perversa
Só os que tá de peça que vai embicar
Puxei na minha, fui na linha
157, 157, 157 de pepeca, pepeca no veneno

Com o cabelinho na régua e ca' camisa do Grêmio
 Hum, tá bonitão, Meno K lá na Rocinha
 Oi, é frente de facção, oi, 2L que tá linha
 E pique de copão na mão, ahn, então tá lindão

Só os que tá de, só os que tá de peça que vai embicar

Cafajeste – MC Cego Abusado feat. Kevin o Chris

É que eu não sei falar de amor, eu acho que já percebeu
 Comigo é pow e buf, entendeu ou não entendeu?
 Ela gosta de malote e eu gosto do libído
 Uma troca justa, ninguém sai no prejuízo

Sou cafajeste mesmo como você me pediu
 Safado, na cama, com a líbido a mais de mil
 Sou cafajeste mesmo como você me pediu
 Safado, na cama, com a líbido a mais de mil

Tu representa com a xota, eu represento com a piroca
 Se joga, gostosa, sem sentimento a gente segue
 Fora a parte que procede, então taca, não para

Tu representa com a xota, eu represento com a piroca
 Tu representa com a xota, eu represento com a piroca
 Tu representa com a xota, eu represento com a piroca
 Se joga, gostosa... Tá ligado, hein pai

Representações da Masculinidade no Brega Funk Pernambucano

As representações da masculinidade são variadas nas práticas sociais que compõem todo o mundo. Na musicalidade não é diferente. Muitas composições ainda trazem o sujeito masculino como sendo o protagonista principal, direta ou indiretamente. Sobre essa questão, Oliveira (1992) vai dizer que a fragilidade masculina é um fato paradoxalmente demonstrado em situações nas quais a dominação se expressa. É explícito o quanto o homem se destaca de maneira a sexualizar a mulher. Em meio a essa realidade, a sociedade não percebe ou não dá a devida visibilidade a essa problemática.

Diante disso, as músicas “Cabelinho na Régua”, do MC Cego Abusado, com participação do MC Meno K, e Cafajeste, também do MC Cego Abusado, com participação do Kevin o Chris, são analisadas nesta seção, com foco nas duas categorias

de representação da masculinidade. Percebe-se a frequência de discursos nos quais as mulheres estão sendo sempre vistas como um objeto para o homem, que usa roupa curta e que se torna um prêmio. Os homens precisam, tradicionalmente, mostrar sua masculinidade através das roupas que as mulheres vestem, podendo escolher a “novinha” que ele vai “pegar”, o que acaba disseminando casos de assédio sexual, por exemplo. A esse respeito, Santos, Cursino e Santos (2014, p. 3426) mencionam que:

Desejada pelos homens, a “novinha” aparece como parte do ideário dicotômico da menina/mulher, que parece ser o “prêmio” da noite. O homem que consegue conquistar a “novinha” e conseqüentemente levá-la ao motel ou “espelhado”, consegue um melhor status social diante do grupo no qual se insere, pois elas são mais “difíceis” por serem as mais procuradas.

A análise das músicas tem como objetivo identificar a masculinidade exacerbada pelas duas perspectivas: da egolatria e da objetificação, tendo como base teórica a ACD, fazendo a relação entre ideologia, sociedade e hegemonia diante desse panorama.

Masculinidade da Egolatria

A masculinidade da egolatria se evidencia quando o sujeito masculino ressalta seu ego e se mostra como protagonista. Branco (2003) afirma que o ego possui uma natureza estrutural; equivale àquilo que a pessoa pensa de si mesma, como um *eu* auto-reflexivo (próprio), nos vários momentos da sua existência. Ademais, a sociedade tem grande influência para que o ego masculino seja moldado nessa perspectiva e o quanto ele é ferido quando algo o afeta. No segundo e terceiro verso da segunda estrofe da música cabelinho na régua, tal representação de masculinidade é perceptível:

Novinha, bate o bumbum, vê quem vai dormir comigo.
Que aqui é disso que eu gosto, e é disso que eu me encanto

Vê-se, nos versos acima, que a figura do homem alimenta seu próprio ego, mostrando que ele faz a escolha de qual “novinha” vai dormir com ele. Além disso, o último verso evidencia que esse processo é o prazer dele. O ego está propício a crescer quando, de fato, ele consegue “ficar” com a menina que todos os homens querem. Há uma frustração quando o homem não alcança seu objetivo e acaba sendo ferido pelo seu próprio ego, pois, além dele, por muitas vezes, não conseguir o que quer, acaba sendo motivo de chacota para os seus amigos. Em complemento, Amorim (2018) mostra que o

homem presente na cena do brega funk é um reflexo do homem social heteronormativo que reproduz, em muitos momentos, padrões machistas, normativos e preconceituosos. Ainda para esse autor, isso é percebido no momento em que o homem é considerado o principal ator daquele ambiente. Mais adiante, na mesma música, tem os seguintes versos:

E o famoso degusta forte, bebida é cavalo branco
E lá no final do ano, é revoada com as perversa

A ostentação é outro ponto forte para que o ego masculino seja crescido e cada vez mais nutrido. As bebidas alcoólicas é uma das coisas que não pode faltar em um baile de brega funk; quanto mais cara, melhor para impressionar as “novinhas”. Em uma revoada, como é apresentado no verso, não pode faltar bebidas, dinheiro no bolso e, claro, as “novinhas”. Um fato que chama a atenção é que o termo “revoada” é utilizado no sul do país e se trata de uma festa na qual tudo pode. Levando para o brega funk, a utilização desse termo se caracteriza pela construção de um evento marcado pela bebida, os bens materiais e o sexo como consequência dos bens que o homem apresenta. Além disso, a música que está sendo analisada conta com a participação do MC Meno K, que é natural do Rio de Janeiro. Pode-se perceber a diferenciação entres os gêneros masculino e feminino nos versos mencionados: enquanto o homem é dono da revoada, que compra as bebidas mais caras e quer estar com as melhores mulheres, a mulher é vista como perversa e devassa, que demonstra interesse. Sobre isso, Silva Júnior, Félix e Araújo (2021), ao mencionarem que gênero é uma construção social, acrescentam que é por isso que em

uma performance, suas expressões podem ser múltiplas, diferentes, cambiantes e, nessa direção, podem ser vivenciadas de modos distintos do padrão binário desejado e ensinado por diversas instituições e reiterado por artefatos culturais como a música. (Silva Júnior; Félix; Araújo, 2021, p. 451).

Na grande maioria das músicas do brega funk, os homens sempre precisam ser destacados como “cafuçu”, que, segundo Soares (2012), trata-se de homens de camadas populares que acentuam a masculinidade com cabelos curtos e roupas justas, evidenciando braços e peitorais definidos, bem como performatização do poder através do desdém em relação às piriguetes. Toda a vida desses homens se deu diante da vivência nas periferias, lugares humildes e sem regalias. A partir do brega funk, eles encontram um ponto de partida para o sucesso e uma vida jamais sonhada.

No decorrer da música, é feita uma breve apologia ao que é vivido nas periferias de maneira a colocar o sujeito masculino em um lugar de privilégio e de prazer frente à mulher. Outrossim, o ritmo envolvente do brega funk faz com que os consumidores da música não prestem atenção ao que é proferido. Um exemplo disso está nos versos:

Hum, tá bonitão, Meno K lá na Rocinha
 Oi, é frente de facção, oi, 2L que tá linha
 Só os que tá de, só os que tá de peça que vai embicar

A mistura entre o funk carioca e o brega pernambucano ainda é presente nas produções atuais. Nos versos acima, nota-se que elementos como: *só os que tá de peça* (quer dizer que somente os que estão com armas de fogo podem estar nesse lugar) e *facção* estão ligados ao mundo do crime, dando uma maior ênfase à participação masculina nesses aspectos, visto que, para Palmeiras (2021), o homem é criado para ser “macho”, para assumir uma postura de bravo e autoritário desde cedo (Palmeiras, 2021 *apud* Melo, 2021, p. 29).

Na segunda música a ser analisada, dentro dessa mesma perspectiva de masculinidade, intitulada “Cafajeste”, é observado o homem se mostrando como alguém que não quer se relacionar sério e seu ego aumenta, pois enquanto têm várias mulheres lhe querendo, ele não se compromete com nenhuma. Além disso, a intimidação como ele trata a mulher é perceptível, uma vez que ele se coloca como destaque (maioral). Nos versos a seguir percebe-se essa questão:

É que eu não sei falar de amor
 Comigo é pow e buf, entendeu ou não entendeu?

Nas práticas sociais mais variadas, o homem, em uma relação, na maioria das vezes, não é a pessoa mais romântica. Ele é sempre tido como uma pessoa direta que não expressa seus sentimentos. Caso se expresse, a masculinidade é colocada em questão. Por isso, o homem se esconde por trás de suas fraquezas. Os versos acima mostram bem como o sujeito masculino lida com essa situação. Por não saber “falar de amor” ele se torna viril e direto para não colocar à prova sua masculinidade. Nesse sentido, Amorim (2018) ressalta que muitas vezes o homem é obrigado a vestir aquele papel de “macho” para, assim, não passar vergonha com os demais. O machismo e o ser dominante masculino ainda é muito presente nas letras de brega funk, dando a entender

que o macho não tem sentimentos e precisa de mulheres apenas para servir de “válvula de escape” para o seu prazer.

Todas as ponderações até aqui apresentadas mostram que a masculinidade se estabelece como natural da constituição do homem, colocando sua própria classe em uma visão de privilégio e de personalidade individualista. Nessa classificação, entende-se que a mulher é colocada sempre como interesseira, pois o que vale para o sujeito masculino é mostrar toda sua influência para se vangloriar. Na teoria da ACD, segundo Magalhães (2001), o discurso é visto como forma de prática social. A partir disso, são notórias as diversas percepções e discussões acerca do que foi tratado. A masculinidade não é só de caráter da egolatria, mas, também, da objetificação da mulher, como se observa na categoria a seguir.

Masculinidade da Objetificação

Nas representações de masculinidade apresentadas anteriormente é possível compreender que a masculinidade do ego é negativa, pois o homem acaba dando abertura para que outras vertentes, como, por exemplo, o machismo, sejam visíveis cada vez mais no meio social. As letras de músicas de brega funk, na maioria das vezes, sempre estão colocando o homem como protagonista (positivamente) e a mulher submissa a ele. Percebe-se, ainda, que o ritmo dançante do brega funk faz com que a sociedade do consumo não dê atenção para o que está sendo disseminado nas letras de música, ficando clara a negligência para essa problemática. Neste espaço, são discutidas as relações entre as letras musicais e a masculinidade da objetificação – quando as mulheres são vistas como objetos/troféus para os homens.

Na música Cabelinho na Régua, em um dos versos tem-se:

Então brota no barraco, que hoje tu vai sentar firme

A sexualização da mulher para o homem está explícita no verso destacado. A forma que é colocada no trecho mostra que o sujeito masculino está buscando conquistar o feminino por meio de relações sexuais. O erotismo está sempre imbricado da masculinidade, tendo em vista que a mulher é tratada como objeto de prazer, assim como o que é comumente ouvido “pegar sem se apegar”. As mulheres acabam desenvolvendo

dependência emocional, processo provocado pelos homens que não querem algo sério, afetando o psicológico da parceira. O verso “Então brota no barraco, que hoje tu vai sentar firme” simboliza o que muitos homens fazem e não se preocupam com o que causam nas mulheres. Estão a viver somente por mais uma noite e o que importa é de ter ficado com mais (de) uma. Em um outro verso, é dito:

Oi, é que aqui nós fuma um, putaria rola firme

Mais uma vez, as drogas lícitas aparecem para complementar o sentido da música. Como complemento da “putaria”, as drogas causam uma melhor vivência daquele momento (vezes denominado farra, outras vezes, revoada), mas, constantemente, elas são nocivas, podendo a violência entrar no contexto. Uma das violências mais comuns quando se está neste cenário é a violência sexual, que tem sido um grande problema a ser combatido. As “novinhas”, como são chamadas as mulheres, estão sempre na visão dos homens e, no pensamento de muitos, elas estão à disposição deles em relação ao estímulo do prazer sexual. Com base nisso, Soares (2012) enfatiza que

A novinha é o eco da ninfeta, da lolita, a menina jovem e sedutora, sexualmente voraz e apta a convocar o homem para a noite de sexo. Utopia da conquista masculina, a novinha aparece como encenação da dicotomia da menina/mulher que parece ser o “troféu” de uma noite que começa no flerte com mulheres e novinhas nas calçadas.

Ainda na mesma música:

157, 157, 157 de pepeca, pepeca no veneno

O artigo 157, do Decreto Lei nº 2.848, de 07 de Dezembro de 1940, caracteriza o crime de “subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem”, ou seja, o que é colocado no trecho acima é, simplesmente, um “furto” ao órgão genital feminino, quando o homem rouba para o seu próprio prazer com a mulher totalmente vulnerável, servindo como um objeto. A violência sexual encontra-se implícita (considerando que nem todo mundo sabe o que consta no artigo 157) no verso acima, normalizando esse ato em uma das músicas mais tocadas no aplicativo TikTok nos últimos tempos. Levando em consideração o exposto, as mulheres são fatalmente afetadas com essa violência, tanto de maneira física quanto psicológica. Depressão, sentimentos de culpa, comportamento autodestrutivo, ansiedade, isolamento, estigmatização, baixa autoestima etc. (Viodres Inoue; Ristum,

2008) são questões frequentes. Essas são algumas das causas recorrentes devido às violências sofridas pelas mulheres. Elas acabam chegando no “fundo do poço”, posto que, para o sujeito masculino, tratam-se apenas de mais algumas na sua lista de “ficantes”.

Na música “Cafajeste” também está explícita a sexualização, o erotismo e o tratamento do homem para a mulher como sendo uma “moeda de troca”, como se pode observar a seguir:

Ela gosta de malote e eu gosto do libido
Uma troca justa, ninguém sai no prejuízo

Nesse contexto, a masculinidade sempre está a se sobressair, colocando a mulher em um papel de prostituta. Enquanto o homem está na figura de ostentação, mostrando que a mulher gosta do “malote”, a figura feminina é comprada sexualmente pelo dinheiro. Por muitas vezes, o homem, por ter muito dinheiro e muitos bens materiais, se acha no dever de poder tudo, inclusive comprar uma noite de sexo. Além disso, a letra da música destaca que a troca que é feita não traz prejuízo para ninguém, isto é, é uma troca justa. Mais uma vez, o sujeito masculino é concebido como aquele sem sentimento, com o foco no próprio prazer.

No refrão da música, continua:

Sou cafajeste mesmo como você me pediu
Safado, na cama, com a libido a mais de mil

Fica visível, nos versos apresentados, o orgulho do homem em se adjetivar como cafajeste – pessoa desrespeitosa, sem princípios, que, sem caráter algum, banaliza o relacionamento e naturaliza a traição. A maioria dos homens tem uma preocupação grandiosa quando se fala sobre o ato sexual, mais especificamente acerca da duração do ato, se a mulher gostou etc.

Durante boa parte da música, a construção da mulher como objeto para o próprio prazer sexual do homem fica evidente em toda a música. A atenção da sociedade está apenas voltada para o ritmo dançante e não para a letra em si, composta por diversas violências e descaso contra a mulher. É com base nos processos aqui apresentados que se manifestam as representações da masculinidade da objetificação.

Considerações Finais

Tomando como base as considerações apresentadas ao longo deste trabalho, pode-se observar que as músicas do MC Cego Abusado aqui analisadas propagam o ego masculino e a objetificação da mulher na sociedade. O ritmo dançante do brega funk faz com que as pessoas não reflitam o que está sendo colocado nas letras das músicas, o que acaba deixando essa marca quando se trata da construção cultural do povo pernambucano.

A ACD, dessa maneira, atua na reflexão sobre como os discursos são construídos a partir daquilo que a sociedade legitima. Tudo o que está relacionado ao poder do discurso mostra o quanto o homem idealiza sua masculinidade da forma com que a sociedade impõe o comportamento viril e forte. A sociedade patriarcal é o reflexo do que acontece, ainda, nos dias atuais, colocando a mulher sempre em um local de inferioridade.

A partir das músicas analisadas, é possível observar o quanto o sujeito masculino se sobressai, ressaltando sua masculinidade em diferentes representações. O seu ego está expressivamente sendo elevado nas músicas e a mulher está sempre tratada como objetos de prazer sexual. Nessa perspectiva, as músicas de brega funk e suas relações com a masculinidade exacerbada precisam ser problematizadas por toda a sociedade, o que não tem ocorrido. Constantemente, a mulher é concebida de forma vulgar, sendo tratada como piriguete e, com isso, se torna desejada pelos homens. Quando tal realidade passa a ser enfatizada por diversos veículos, a construção negativa da imagem da mulher passa a ser naturalizada e legitimada.

Assim, este estudo contribui para que a questão da masculinidade possa ser observada a partir de duas categorias que foram construídas com base nos dados: a da masculinidade da egolatria e a da masculinidade da objetificação. Por fim, acredita-se que empreendimentos científicos como este podem servir de impulso para possíveis mudanças nas práticas sociais.

Referências

Amorim, D. F. (2018). É Do Que Eu Gosto, É Cafuçu: Música e Identidade Masculina no Bregafunk. In: *XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, Juazeiro, BA, 2 (3), 2-10.

Batista Jr, J. R. L., Sato, D. T. B., & Melo, I. F. (Orgs.). (2018). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola.

Branco, M. L. (2003). A construção da autonomia moral: A contribuição da teoria do desenvolvimento do ego de Jane Loevinger. *Paidéia*, 13(25), 5-12.

Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282.

Costa, A. K. S. (2018). Hipersexualização frente ao empoderamento: A objetificação do corpo feminino evidenciada. In P. R. C. Ribeiro et al. (Orgs). *Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico]*. Rio Grande: Ed. da FURG, s/p.

Fairclough, N., & Melo, I. F. (2012). Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. *Linha d'água*, 25(2), 307-329.

Lima, A. E. I., Miranda, G. K. S., Souza, R. P., & Santos, V. M. (2014). *Violência Sexual Simbólica e o Processo de Pedofilização: O "Brega Funk" na Cena Pernambucana*. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Melo, I. F. (2011). Análise Crítica do Discurso: Modelo de análise linguística e intervenção social. *Estudos Linguísticos*, 40(3), 1335-1346.

Melo, M. M. M. (2021). *O Machismo em músicas sertanejas romantizadas: Uma Análise Crítica do Discurso*. Monografia (Graduação em Letras, Português), Universidade de Pernambuco.

Nogueira, C. (2008). Análise(s) do discurso: Diferentes concepções na prática de pesquisa em psicologia social. *Psic.: Teor. e Pesq. [online]*, 24(2), 235-242.

Paula, R. C. M., & Rocha, F. N. (2019). Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo. *Revista Mosaico*, 10(2), 82-88.

Santos, M. O., Cursino, M. G., & Santos, V. M. (2014). "Nós gosta de novinha" Representações do feminino e violência simbólica contra as mulheres no bregafunk recifense: um olhar sobre a composição dos MCs Sheldon e Boco. *18 REDOR*, 2(1), 3421-3437.

Silva Júnior, A. O., Félix, J., & Araújo, A. C. (2021). "O bagulho ficou sério!" representações de gênero no brega recifense. *Revista Teias*, 22(65), 447-460.

Silva, C. (2012). A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. *Revista Direito em Foco*, 5(1), 1-9.

Soares, M. F. A., França, E. T., & Santos, P. A. (2011). A escola: O feminino e o masculino. *V Colóquio Internacional "Educação e contemporaneidade"*, 6(2), 1-10.

Soares, T. (2012). Conveniências performáticas num show de brega no Recife: Espaços sexualizados e desejos deslizantes de piriquetes e cafuçus. *Logos*, 19(1), 55-67.

Viodres Inoue, S. R., & Ristum, M. (2008). Violência sexual: Caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 11-21.